

tomie ohtake

pintura e pureza

galeria

nara roesler

sem título / untitled, 2012 -- acrílica sobre tela

/ acrylic on canvas -- 160 x 80 cm

tomie ohtake

pintura e pureza

agnaldo farias

A busca persistente da purificação, do desbastamento de tudo quanto seja supérfluo, reduzindo sua expressão ao estrito para obter o registro mais elevado, afigura-se como o principal ensinamento que a extensa trajetória de Tomie Ohtake oferece à arte brasileira e ao público que sempre a acompanha com interesse, seja ele aficionado ou leigo, ou ainda seus colegas artistas. Uma contribuição da natureza daquela oferecida por sua obra só poderia mesmo ser sentida ao longo do tempo, com a exposição regular das séries de pinturas, gravuras e, a partir dos anos 1970, de esculturas. A comparação de uma série com a seguinte foi deixando ver o rigor no calibramento e aprofundamento dos problemas enfrentados. A lida sistemática com o gesto, a cor e a matéria, o trinômio basilar de sua poética – descontando-se aí suas esculturas, geralmente realizadas em metal, monocromáticas e com cores aplicadas homogeneamente –, o burilamento

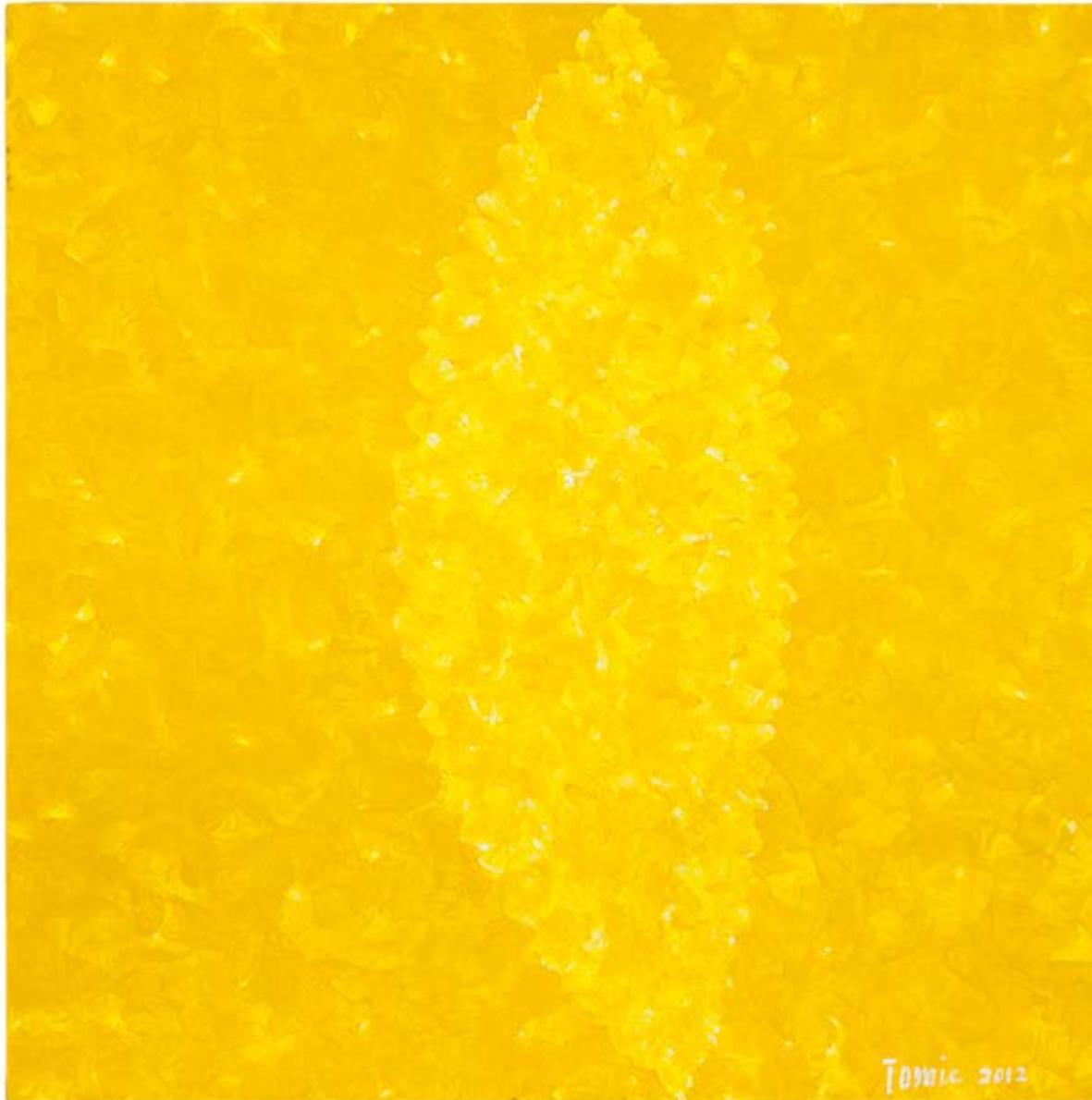
constante de cada um deles, nunca isoladamente, mas através da variação de seus pesos, por exemplo, modificando o tratamento de um, enquanto os outros dois eram mantidos em suspensão relativa, ou a modificação simultânea dos três, tudo isso foi se revelando como um jogo caleidoscópico, uma tessitura movente reveladora de prismas insuspeitados.

Cor, gesto e matéria, não por acaso, perfazem o mote da exposição *Tomie Ohtake – Correspondências*, organizada por mim e por Paulo Miyada, levada simultaneamente a esta no centro cultural que leva seu nome, Instituto Tomie Ohtake. A prova que cor, gesto e matéria são aspectos igualmente importantes para a grande maioria dos artistas contemporâneos a Tomie Ohtake fica patente nessa reunião entre a nossa artista e 53 outros pertencentes a gerações variadas. E a

prova da extraordinária qualidade da sua contribuição evidencia-se no cotejamento de seus resultados com os de seus colegas.

Para esta exposição da Galeria Nara Roesler, organizada exclusivamente a partir de obras inéditas, Tomie Ohtake, como sempre perseverando na busca da depuração, preparou ao longo dos últimos meses de trabalho contínuo, filtrado por sua costumeira insatisfação, três conjuntos de telas, cada um deles focado numa única cor, ou quase isso. Dois grupos compostos por cores primárias – amarelo e azul – e o terceiro por uma cor secundária – verde –, resultante da soma das outras duas. Os três conjuntos são praticamente monocromáticos, a exceção corre por conta da presença, em algumas das telas verdes e azuis, do vermelho, ou seja, da terceira cor primária.





sem título / untitled, 2012 -- acrílica sobre tela / acrylic on canvas -- 100 x 100 cm

A inclinação imediata é dizer que o vermelho entra de forma discreta, como se ele fosse capaz disso. Pois não é, ainda mais tendo por fundo cores tão intensas, como o azul e o verde empregados pela artista. Qualquer aprendiz sabe que o simples contato entre cores primárias e secundárias, por adjacência ou, pior ainda, sobreposição, é conflitivo.

Embora cada conjunto apresentado nesta exposição concentre-se numa cor, todos os três têm como denominador comum o mesmo gesto, isto é, a mesma pincelada curta e circular, cujas justaposição e sobreposição combinadas produzem o mesmo efeito, a mesma atmosfera cromática arejada como um tecido cuja trama é mais ou menos densa, mas sempre esgarçada, deixando ver, ou melhor, atraindo o olhar para dentro de si, convidando-o a mergulhar em suas profundezas, flutuar nas formas enunciadas, devolver-se à luz exterior que incide sobre ela, sobre as porções de branco que a constituem. Esses gestos não são guiados pelo acaso, não se justificam pelo puro prazer de existir, como uma ação sem finalidade que se completa em si mesma. Ao contrário, todos eles, realizados que são num quadrilátero branco – o tecido da tela esticado num bastidor –, conquanto semelhantes entre si, trazem planos de formatos variados: triângulos, círculos, arcos, elipses, quadrados, losangos, pentágonos, outros quadrados, planos que atravessam diagonalmente a tela, repartindo-a em dois. Esses planos podem ser nítidos ou nublados, no geral mais pressentidos que percebidos, como rumores visuais vagorosos, lentos como os peixes que habitam o chão dos rios e mares. Desse modo, o ritmo ordenado das pinceladas, coordenadas para a composição de figuras geométricas e orgânicas, converte-se numa espécie de coreografia realizada sobre o plano da tela, os rastros deixados pela energia calculada da

mão que empunha o pincel, enquanto se submete ao embate entre as forças da razão e as do desejo.

Indo do geral para o particular, das telas monocromáticas para os casos em que elas são “atacadas” pelo vermelho, concentremo-nos não no azul, amarelo ou verde, mas simplesmente no fenômeno da cor. Como Tomie Ohtake nos explica, através dessas suas pinturas, a cor nunca é simplesmente a cor, mas algo que acontece num corpo, seja ele disperso em corpúsculos ou tangível, sob a forma matéria densa, dura e compacta. Limitando-se a pensar na tinta que a artista aplica sobre a tela, ela pode ser mais ou menos viscosa, rala ou encorpada, brilhante ou fosca, transparente ou opaca, pode ainda estar situada entre qualquer ponto de gradação de um dos pares enunciados. Não bastassem essas possibilidades, há que se considerar o ângulo em que a luz incide sobre a cor aplicada sobre a superfície da tela, a quantidade dessa luz e, por fim, a posição do observador. O fenômeno é infinito, posto que a cor não existe abstratamente, mas como coisa tangível.

A palpabilidade da cor é efeito da solubilidade do pigmento e, considerando o processo empregado por Tomie Ohtake para a confecção de suas telas, também ocorre pela maneira como ela, nesses três conjuntos apresentados, ataca a superfície com o pincel. O recobrimento de cada tela dá-se, como já foi mencionado, através de gestos curtos e semicirculares, produzidos como que por uma torsão do pulso. Esse movimento encharca a tela no ponto de partida da ação, quando o pincel pousa sobre ela, pressionando-a, distende-se quando desliza, adensa-se novamente quando termina. De perto se percebe

o rastro deixado pelas cerdas do pincel quando ele se desloca, o plano composto por linhas paralelas, os filetes brancos irregulares que os separam uns dos outros. A superfície integral da tela é preenchida pelo mesmo tipo de pincelada, toda ela com a mesma tonalidade da cor escolhida. Um mosaico fraturado, uma peneira rendilhada que, como tal, não consegue vedar a claridade que brota da superfície, resultante da luz que incide sobre a pintura. A variação tonal, por sua vez, tanto decorre da sobreposição dessas pinceladas quanto da sobreposição premeditada, que tem por objetivo a construção dos planos geométricos e orgânicos já descritos.

Com seu modo singular de realizar pinturas, pautadas no amálgama do gesto com matéria para o fabrico da cor, Tomie Ohtake, justamente no ano em que completa seu centenário, termina por expandir suas possibilidades e fronteiras, descobre-lhes os abismos dos tons e subtons, as nuances discretas e as predominantes, a versatilidade característica central da cor. Daí sua hesitação, seu quase pudor em trazer para a exposição as pinturas atravessadas pelo vermelho, as estridentes trilhas lineares definindo contornos, ferindo as atmosferas monocromáticas. Soavam-lhe excessivamente explícitas, até mesmo “enfeitadas”, apontavam para um rumo que discrepava da pureza perseguida. Por fim, atendendo a minha argumentação, concordou. Resignada, talvez, pela constatação de que o processo artístico alimenta-se mesmo da imperfeição, da dúvida que, não obstante toda sua experiência, não cessa e não cessará enquanto ela seguir produzindo.

sem título / untitled, 2012 -- acrílica sobre tela
/ acrylic on canvas -- 175 x 175 cm

sem título / untitled, 2013 -- acrílica sobre tela
/ acrylic on canvas -- 80 x 80 cm

sem título / untitled, 2012 -- acrílica sobre tela
/ acrylic on canvas -- 150 x 150 cm





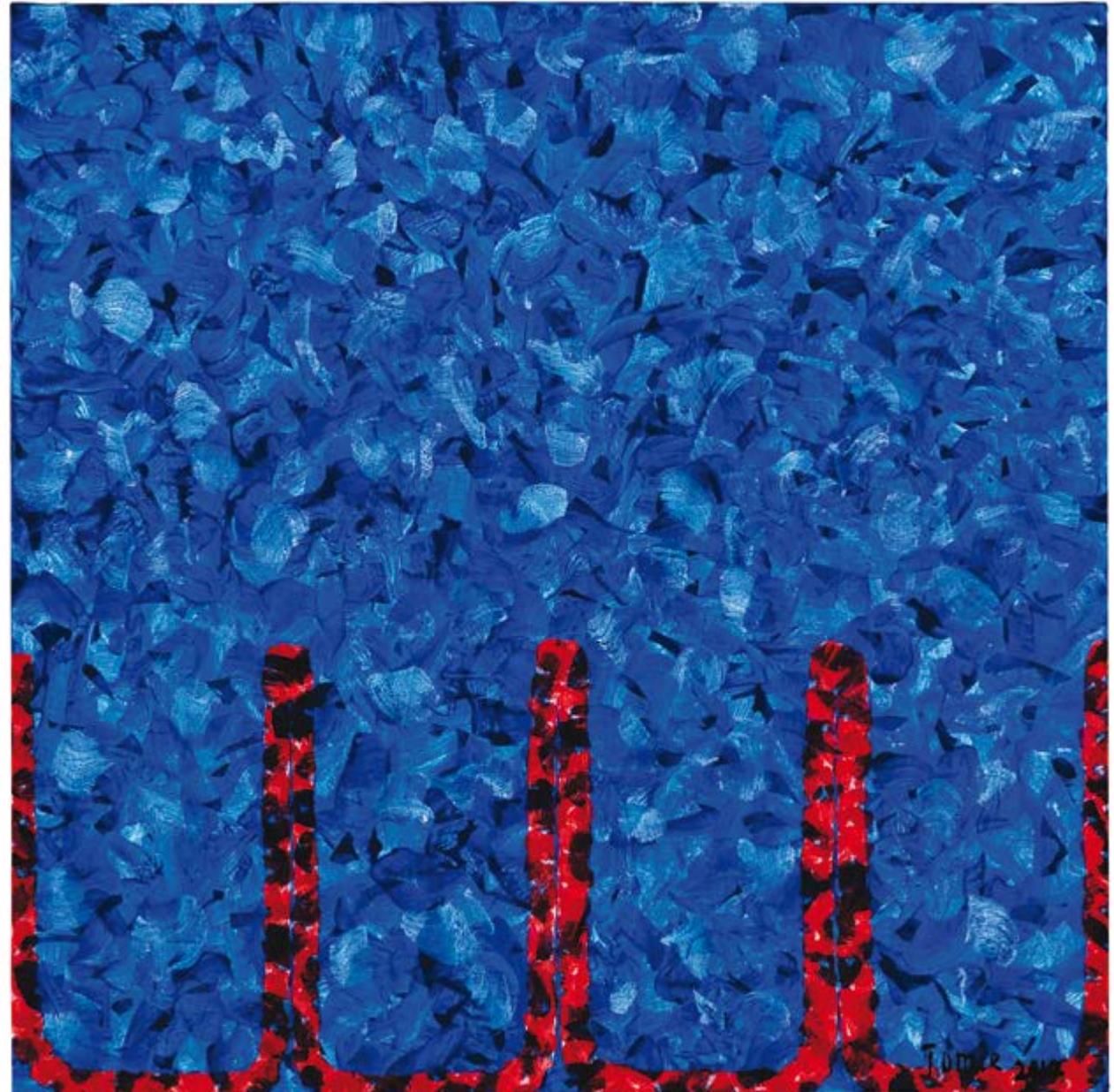
sem título / untitled, 2012 -- acrílica sobre tela
/ acrylic on canvas -- 100 x 100 cm

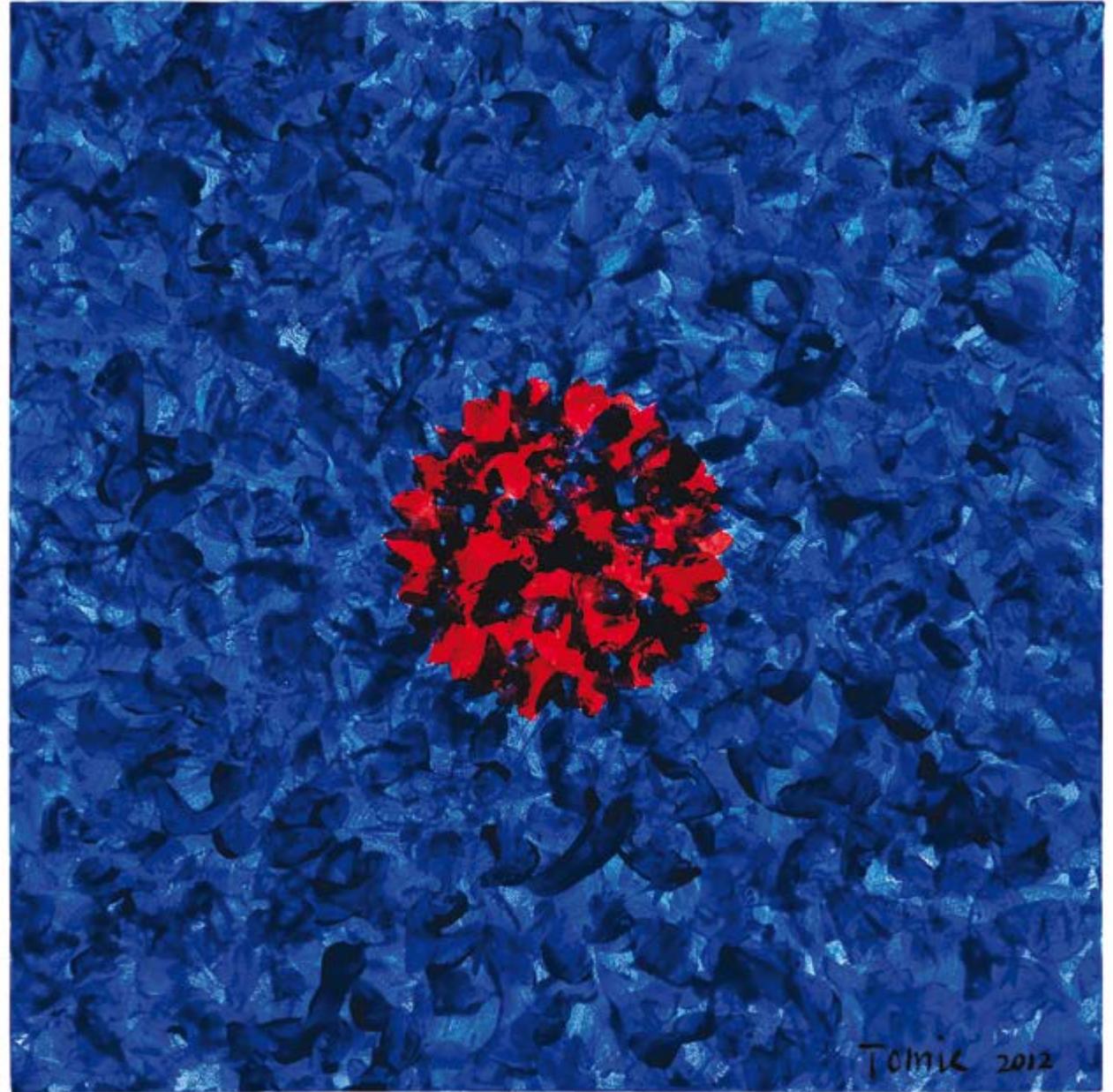
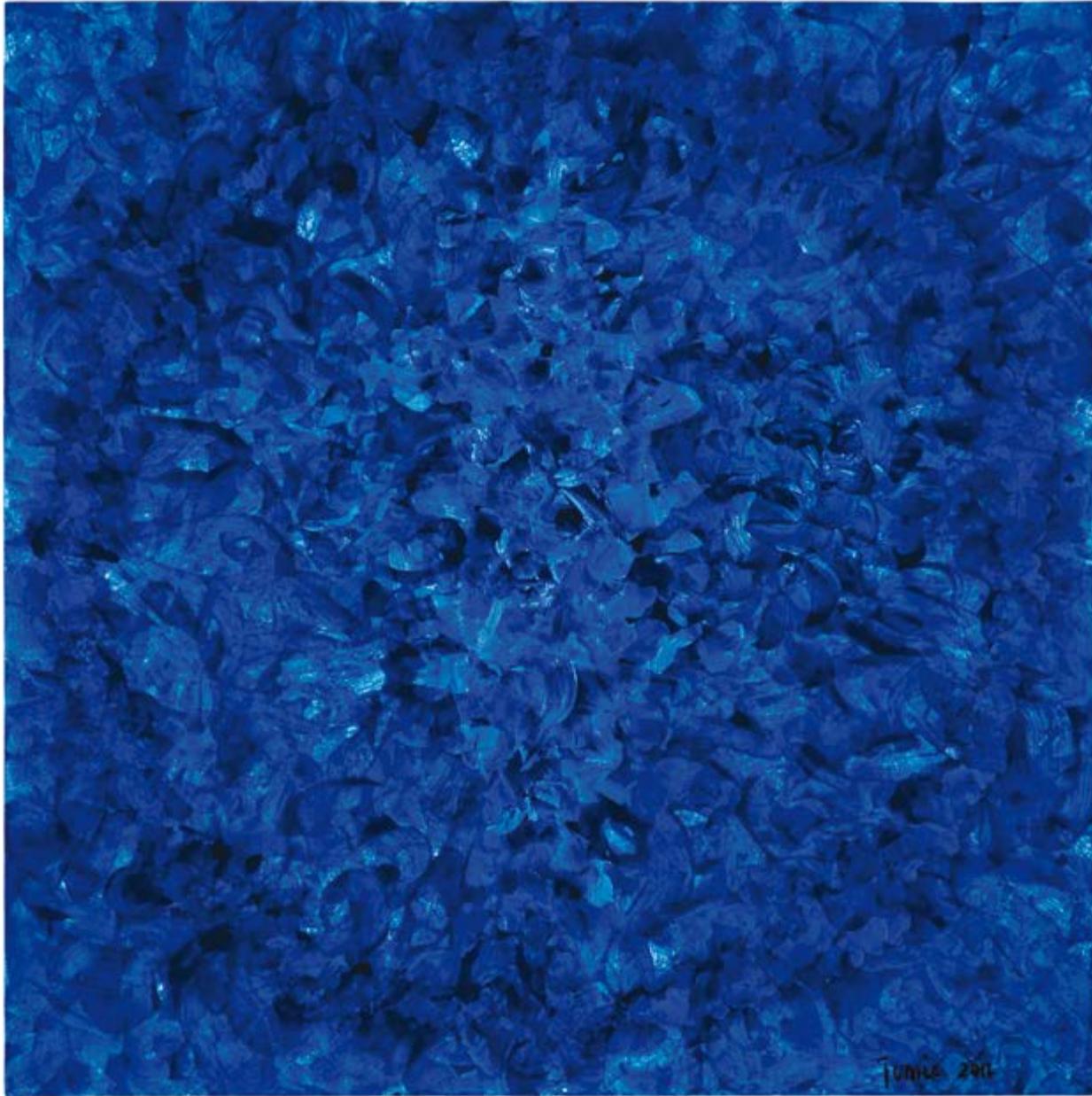
sem título / untitled, 2012 -- acrílica sobre tela
/ acrylic on canvas -- 150 x 150 cm

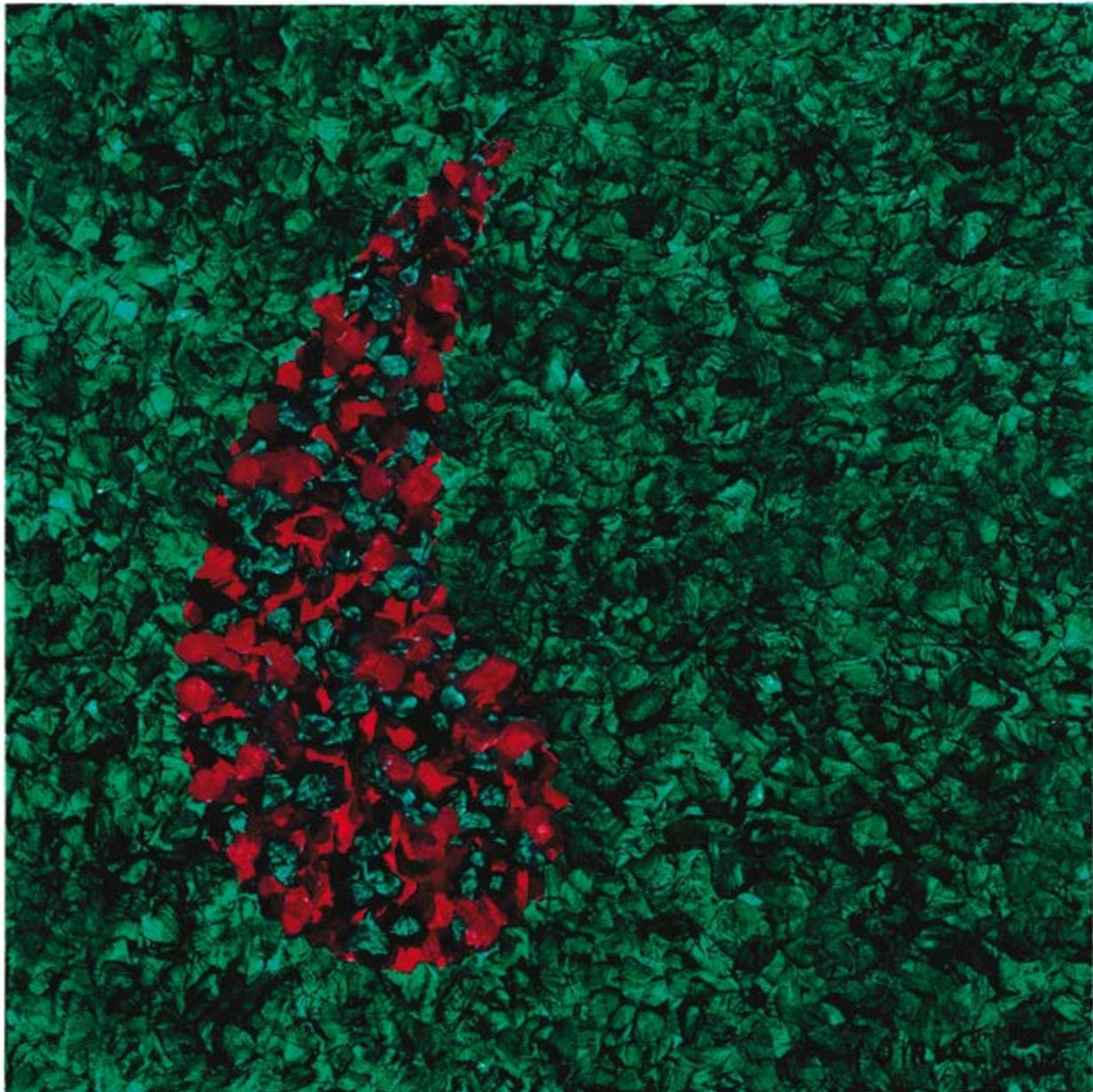
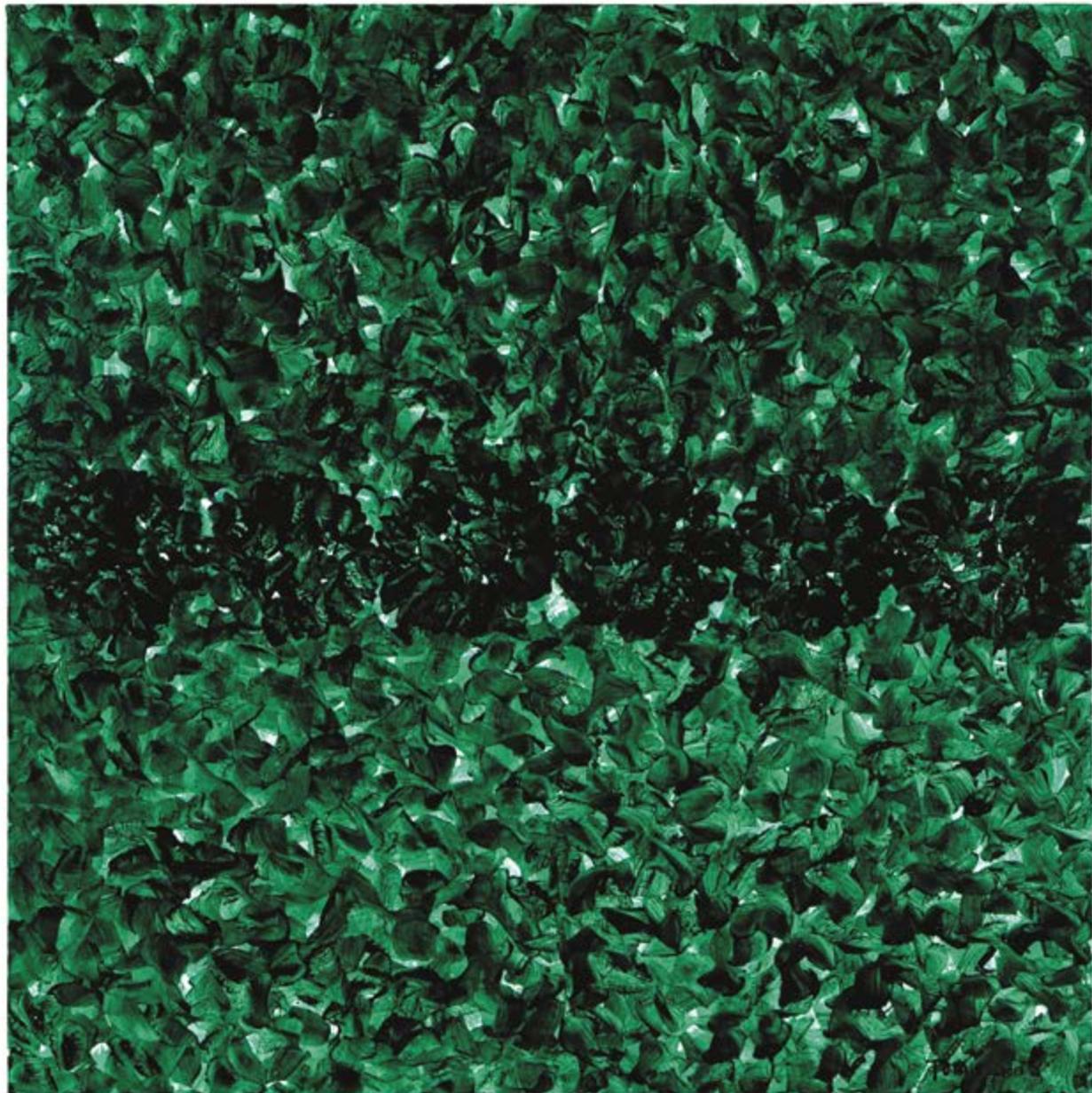
sem título / untitled, 2012 -- acrílica sobre tela
/ acrylic on canvas -- 100 x 100 cm

sem título / untitled, 2012 -- acrílica sobre tela
/ acrylic on canvas -- 125 x 125 cm

sem título / untitled, 2013 -- acrílica sobre tela
/ acrylic on canvas -- 100 x 100 cm







tomie ohtake – painting and pureness

agnaldo farias

The permanent search for purification and for the disposal of every superfluous thing, reducing her expression to what’s essential in order to achieve excellence, is the main teaching Tomie Ohtake leaves to Brazilian art and to those who follow her long career with interest—aficionados, laymen as well as her peers. It is no surprise that a contribution such as that provided by her work could only be felt with time, with the consistent exhibition of the series of paintings, engravings, and, as of the 1970s, sculptures. When one series is compared to the next, it is possible to see the rigor with which the artist adjusted and explored the problems she dealt with. Her systematic handling of the gesture, color, and matter, which are the fundamental aspects of her poetics (except for her sculptures, which are usually monochromatic, made out of metal, and have homogeneous colors) as well as her constant search for improving each one of them, never individually, but through the variation of their weight—for instance, while one aspect was being modified, the other two were kept relatively suspended, or the three of them being modified simultaneously—all of these features progressively revealed a kaleidoscopic-like game of sorts, a moving texture that reveals unexpected prisms.

Color, gesture, and matter, not by chance, pervade the motto of the exhibition *Tomie Ohtake – Correspondence*, organized by Paulo Miyada and myself, which will be shown simultaneously to this one at the cultural center that bears her name: Instituto Tomie Ohtake. The proof that color,

gesture, and matter are equally important to the large majority of her contemporary artists is evident when the artist and fifty-three artists from different generations are brought together. And the extraordinary quality of her contribution is evident when one compares the results she obtained with those of her peers.

For this exhibition at Galeria Nara Roesler, which is exclusively comprised of never-before-shown works, Tomie Ohtake, who always aims at perfecting her technique, created three sets of paintings after months of continuous work evaluated by her customary high standards. Each set focuses on one color, or almost. In two sets she worked with primary colors—yellow and blue—and in the third set she used a secondary color, green, which is made by mixing the other two. The three sets are mostly monochromatic, except for some green and blue paintings that include red, i.e., the third primary color. At first, one tends to say that the red color appears discreetly, as if it were possible. But that’s not the case, especially when the artist uses blue and green, which are very intense colors, in the background. Any amateur knows that the mere contact between primary and secondary colors using contiguity or, even worse, juxtaposition, is conflictive.

Although each set of paintings presented in this exhibition focuses on one color, all three sets have a common denominator: the same gesture; in other words, the same short and round brushstroke whose combined

juxtaposition and overlap produce the same effect, as well as the same chromatic atmosphere that is ventilated as a relatively dense fabric, which is nevertheless frayed, revealing something, or, better yet, attracting the gaze to its interior, inviting it to explore its depths and to float on the enunciated shapes, giving itself to the external light that falls on it, on the white portions of which it is made. These gestures are not driven by chance; they are not justified by the sheer pleasure of existing as an aimless action that completes itself. On the contrary, all of them, which are made in a white quadrilateral—the cloth of the canvas stretched over a tambour—albeit similar to one another, have varied formats: triangles, circles, arches, ellipses, squares, rhombuses, pentagons, different squares, planes that cross the canvas diagonally, dividing it in two. These planes may be well defined or blurred, usually sensed rather than noticed, like unhurried visual rumors, slow as the fish that live at the bottom of rivers and seas. So, the orderly rhythm of the brushstrokes that are coordinated to compose geometric and organic figures becomes a sort of choreography performed on the canvas plane. These are the traces left by the energy calculated by the hand that holds the paintbrush while submitted to the struggle between the forces of reason and desire.

Then, going from general to particular, from the monochromatic paintings to the cases in which they are “attacked” by the red color, let’s not focus on the blue, yellow, or green colors but simply on the color phenomenon. As Tomie Ohtake explains to us through her paintings, color is never merely a color, but something that takes place in a body. And

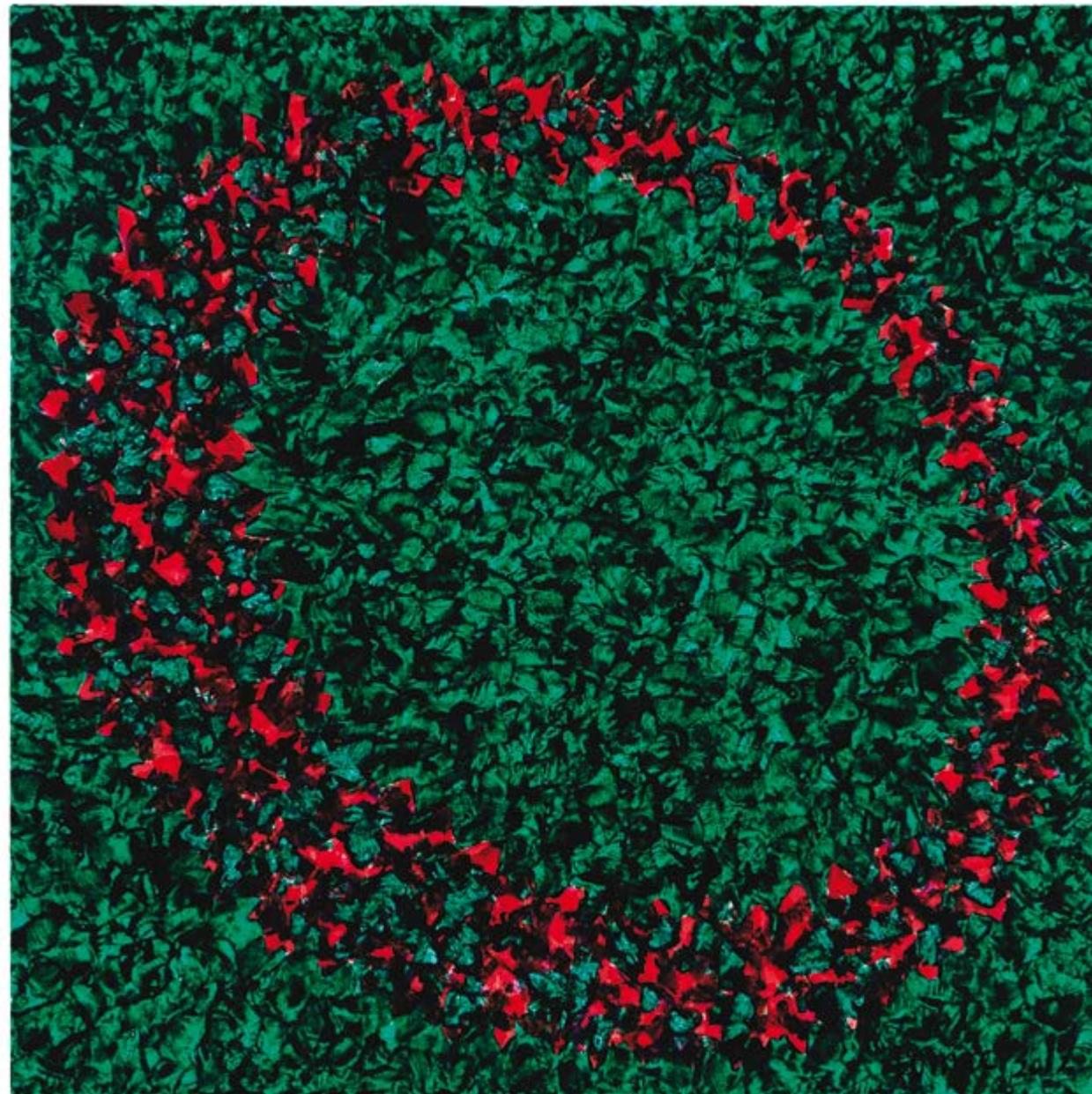
this body may be either dispersed in corpuscles or tangible, in the form of a dense, tough, and compact matter. When one thinks only on the paint applied by the artist to the canvas, it may be more or less viscous, thin or thick, gloss or flat, transparent or opaque; it may also be classified as in-between any extreme of one of those pairs. Besides these possibilities, one must consider the angle at which light falls on the color applied to the canvas surface, the amount of light, and, finally, the position of the viewer. The phenomenon is infinite, since color does not exist as something abstract, but as something tangible.

The palpability of color is an effect produced by the solubility of the pigment and, considering the process Tomie Ohtake uses to create her paintings, it is also owing to the way the artist, in these three sets, attacks the surface with the paintbrush. As mentioned before, each canvas is covered with short and semicircular gestures, produced as if by a torsion of the wrist. This movement soaks the canvas when the action begins, when the paintbrush is placed on it, pressing it; then, it is decompressed while sliding, and it becomes dense again when the movement ends. Looking closely, one will notice the trace left by the bristles of the paintbrush when it moves, the plane composed of parallel lines, as well as the white irregular thin stripes that separate them. The entire surface of the canvas is filled with the same kind of brushstroke and with the same tone of the chosen color. A fractured mosaic, a sift that, as such, cannot avoid the luminosity sprouting from the surface, produced

by the light that falls on the painting. A tonal variation, in its turn, results both from the overlap of these brushstrokes and the overlap that had been planned, which aims at creating the previously described geometric and organic planes.

With her unique way of painting—which is based on the coming together of gesture and matter to create color—and in the exact year of her hundredth birthday, Tomie Ohtake expands her possibilities and frontiers. She also discovers the abyss of tones and subtones, the discreet and the predominant nuances, and the core versatility of color. Hence her hesitation, her almost self-consciousness about showing paintings cut across by the red color, the sharp linear trails defining contours, wounding the monochromatic atmosphere. They seemed too explicit, even “fancy,” to her; they pointed to a path that was completely different from the pureness she longed for. Finally, accepting what I said, she agreed; maybe recognizing that the artistic process is nourished by imperfection and doubt, and despite all her experience, all of this will never cease for as long as she continues to create.

sem título / untitled, 2012 -- acrílica sobre tela
/ acrylic on canvas -- 150 x 150 cm



tomie ohtake

pintura e pureza

curadoria/curator

agnaldo farias

tradução/english version

márcia macêdo

revisão/proofreading

regina stocklen

fotos/photography

everton ballardin

assessoria de imprensa/press agent

agência guanabara

realização/produced by

galeria nara roesler

abertura/opening

21.02.2013

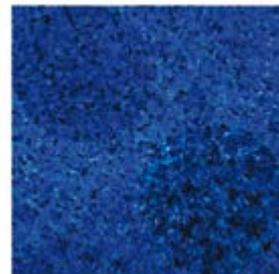
19 > 22h

exposição/exhibition

22.02 > 23.03.2013

seg/mon > sex/fri 10 > 19h

sáb/sat 11 > 15h



[capa/cover] detalhe de / detail
from **sem título / untitled,**
2012 -- acrílica sobre tela / acrylic
on canvas -- 200 x 200 cm

galeria

nara roesler

avenida europa 655

são paulo sp brasil

01449-001

t 55 (11) 3063 2344

f 55 (11) 3088 0593

info@nararoesler.com.br

www.nararoesler.com.br